Apresentação ao Dossiê "Literatura e o Mediterrâneo"

Marcella Lopes Guimarães
Universidade Federal do Paraná
Núcleo de Estudos Mediterrânicos

O número 4 da revista ***Diálogos Mediterrânicos*** se abre com o dossiê LITERATURA E O MEDITERRÂNEO cujos seis artigos são assinados por sete especialistas de diferentes trajetórias acadêmicas que, entre a História e a Literatura, refletiram sobre a relação entre o *Mare Nostrum* e os textos que são nossa fonte de pesquisa e prazer.

> O mar, mantendo-se estranhamente igual,
> dia após dia, mantém ainda, no entanto,
> relações contemporâneas com os barcos
> que se aperfeiçoam, a cada século, no motor
> e no Destino. Nunca fica desactualizado, o mar,
> mesmo no momento da primeira saída para a água
> da embarcação mais moderna.
> Como não tirar conclusões deste facto?[1]

Carmem Lúcia Druciak, Cátia Toledo, Leonardo Funes, Elaine Critina Senko, Lúcia Cherem, Maria Célia Martirani e Teresa Cristina Cerdeira da Silva tiraram *conclusões desse fato* convocando painel rico cultural e diacronicamente.

O medievalista Leonardo Funes abre o dossiê com o debate teórico entre a *história da literatura* e a *história literária*, revela as fragilidades das opções que ignoram a "condição problemática do objeto" ou que lhes imputam valores anacrônicos e aponta alternativas para a significação de fontes que se caracterizam pela intervenção direta dos poetas, jograis e cronistas nas situações de criação e enunciação. Destaca o valor de outros aportes, como o da História Cultural e da Arte, para afirmar caminhos para o futuro da *história literária*, que passam por uma *história dos discursos* e *da escritura*. Teresa Cristina Cerdeira da Silva deixa os estudos da Literatura Portuguesa Contemporânea, sua especialidade, por um momento, para mergulhar na leitura de uma rara "chanson de toile" ibérica e realiza magistralmente a pesquisa empírica provocada pelo debate de Funes! Atenta aos trânsitos de uma realização movente, Teresa Cerdeira fala em "contrabandos": "em que se acordam marcas autóctones e

[1] TAVARES, Gonçalo M. *Uma viagem à Índia*: melancolia contemporânea (um itinerário). São Paulo: Leya, 2010. P.252.

riquezas provençais" e supera os mesmos limites refutados por Funes, que encerrariam a canção medieval na lida da mulher com seu bordado.

Especialista no medievo oriental, Elaine Cristina Senko realiza a viagem inversa à de Teresa Cerdeira ao investir na leitura dos cincos livros que compõem o *Quinteto Islâmico*, do escritor e poeta paquistanês contemporâneo Tariq Ali (1943 -). Para a historiadora, essas obras testemunham compromisso com a realidade atual de conhecimento das relações entre cristãos e muçulmanos das duas margens do Mediterrâneo, mesmo que narrem ficções em que as verdades mais inverossímeis são misturadas. O encontro com o outro é também tema das professoras de Literatura Francesa e tradutoras Carmem Lúcia Druciak e Lúcia Cherem, que detectam o evento na pena de George Sand (1804-1876), mesmo que Orham Pamuk só veja nela a escritora vinda do norte para "ensinar" os seus equívocos... As autoras buscam o caminho da compressão das condições dessa escrita que, ao falar sobre o outro, revela-se a si. Afinal como ela mesma reconheceu: "Não colocar nada de seu coração naquilo que se escreve? Não compreendo de jeito nenhum, ah, mas de jeito nenhum.".

Especialista na produção literária infanto-juvenil, Cátia Toledo viveu o desafio de refletir sobre narradores e narrativas no conjunto de *As mil e uma noites*, retomando conceitos de Benjamim, Bakthin e Iser e afirmando a necessidade humana de narrativas, independente de qualquer mar...: "Há aqueles que narram para se livrar das histórias que habitam seu mundo interior, como fantasmas que arrastam pesadas correntes nos calabouços da memória. Outros narram para descobrir a si mesmos e a própria vida". Mas o *mar nunca fica desatualizado*, por isso a tradutora e Professora de Língua e Literatura Italiana Maria Célia Martirani encerra o dossiê com as imagens do cinema e da literatura que põem o Mediterrâneo inteiro em cena. No seu texto se lê a assertiva de Roberto Escobar a propósito do inesquecível filme de Gabriele Salvatores:

> *Me-di-ter-râ-ne-o*: sussurrado assim, sílaba por sílaba, traduz de maneira, ainda mais intensa, o pathos mítico do nosso mar. É nosso, esse mar, porque carregamos suas cores em nossos olhos, o seu perfume na memória, a sua tentação no coração. A mesma tentação de Odisseu: a doçura do esquecimento, a calma tépida do sol, a suspensão do tempo, a fuga de Penélope. Quem nunca experimentou a ternura deste sussurro: *Me-di-ter-râ-ne-o*?[2]

[2] ESCOBAR, Roberto. Mediterraneo. In: *Il sole 24 ore*, a cura di Enzo Piersigilli, 28/06/2003, disponível em www.apav.it/mat/tempolibero/cinemaematematica/guerrasocieta/Mediterraneo. Tradução de Maria Célia Martirani.

Martirani provoca: "Diante da atual conjuntura socioeconômica precária que a Grécia vem enfrentando, inclusive com o descrédito e o desprezo de grande parte dos países que compõem a Comunidade Europeia, talvez valesse rever esse *Mediterrâneo* de Gabriele Salvatores, em que o respeito àquela cultura e civilização é explícito". Mas há mais na Literatura da Migração examinada no artigo de Martirani, em que o Mediterrâneo é protagonista em um caminho de reterritorialização.

Estranhamento igual, o Mediterrâneo conserva a capacidade de falar com todas as épocas, como com os *barcos aperfeiçoados*. A prosa, a poesia e o cinema convocam a sua voz que nunca fica desatualizada e expressam as relações contemporâneas a todas as vidas que navegam entre as suas margens. Boa leitura!

Curitiba, 8 de maio de 2013